



O TRADICIONAL E O MODERNO: RETRATO DE DUAS MULHERES NO ROMANCE PASSEIO AO FAROL

Izabel Vasconcelos Moraes

Universidade Estadual da Paraíba

izabelvmoraes@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo científico far-se-á uma análise do romance *Passeio ao Farol* (To The Lighthouse - 1927) da autora Virginia Woolf onde utilizaremos as teorias feministas de Simone de Beauvoir e da própria autora Virginia Woolf. Pois o objetivo deste, é estudar as duas personagens principais da obra supramencionada, senhora Ramsay e Lily Briscoe, sendo elas representantes de dois tipos diferentes de mulheres. A primeira ocupa o papel ideal de esposa e mãe perfeita requerida pela sociedade patriarcal, enquanto Lily é uma artista solteira que representa a Nova Mulher em voga no século vinte. Através do contraste destas duas personagens, Woolf é capaz de demonstrar a questão de gênero no século passado.

Palavras-chave: feminismo, patriarcalismo, gênero.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar duas personagens no romance *Passeio ao farol* (1927) da autora Virginia Woolf para compreendermos a opinião da escritora a respeito do papel que a mulher ocupa na sociedade no século vinte. A primeira personagem é a protagonista senhora Ramsay, a convencional mulher e mãe cuja vida é devotada em cuidar do marido, filhos e amigos (hóspedes em sua casa). A outra personagem é sua amiga e hóspede, Lily Briscoe, uma pintora solteira e independente que procura entender o significado do casamento, em particular a relação matrimonial do casal Ramsay, através de seus “olhos de chinesa” que demonstram como Lily é uma personagem especial diferenciando-se dos outros

personagens por esta sua particularidade. As teorias feministas de Simone de Beauvoir na obra *Segundo Sexo* e *Um teto para todos* de Virginia Woolf foram utilizadas na análise destas personagens para facilitar nossa compreensão da condição da mulher na sociedade patriarcal e das rigorosas convenções sociais que tinham que cumprir. É importante mencionar aqui que Virginia Woolf não desejava que as mulheres se comportassem como os homens ou se conformassem com a moderna concepção da falta de diferenciação entre os sexos. Portanto, ela mostra a protagonista senhora Ramsay, e a personagem Lily Briscoe fortalecendo de uma maneira sutil as diferenças entre elas e os homens. Desta maneira, as personagens supramencionadas são capazes de sobrepujar os preconceitos, humilhações e



opressões em que as mulheres foram submetidas e sujeitadas.

1. Teoria feminina

Para compreender e analisar o papel da senhora Ramsay, a protagonista do romance: Passeio ao Farol, como esposa e mãe, é necessário estudar a condição da mulher na sociedade.

Por muito tempo, as mulheres têm sido consideradas como pertencentes ao segundo sexo nas sociedades patriarcais, conseqüentemente sofrem preconceitos e opressão sendo forçadas à submissão. A sociedade aceita apenas o tipo de mulher que seja feminina e que tenha qualidades ou aparência consideradas ser típicas de mulheres. Esta situação favorece aos homens porque eles querem uma mulher que seja uma perfeita Lady (um anjo dentro de casa) e submissa a eles, mas forte na sua pureza interior e religiosidade, rainha do próprio reino de sua casa.

No livro Segundo Sexo, Beauvoir discute sobre a perda da identidade da mulher após o casamento. Ela foca o estudo na construção da mulher pelo homem. Primeiramente, ela apresenta os fatores culturais que relegaram a mulher ao segundo nível através dos padrões: biológico, social, mítico, educacional e histórico e mostra como estas estruturas têm contribuído para criar relações

de poder entre os sexos. Cada sexo tem sua função social específica. Enquanto o homem aprende ser intelectual, ativo, independente e produtivo, a mulher aprende ser passiva, submissa, dependente e dócil. Beauvoir esclarece também alguns preceitos concernentes a instituição tradicional do casamento e as expectativas das mulheres em relação ao casamento. Ela esclarece que embora no início da vida matrimonial ironicamente apresenta promessas de igualdade dos direitos entre os sexos, na realidade o casamento impõe desigualdade entre o homem e a mulher.

Beauvoir comenta que o comportamento dos homens e mulheres são subordinados aos interesses da sociedade. O marido deve fornecer suporte emocional e financeiro para sua esposa. Enquanto a mulher deve dar ao seu marido satisfação sexual e filhos, tomar conta dos afazeres de seu lar; ela ganha o sobrenome do marido. Ela quebra decisivamente com o passado e adquire novos hábitos no universo de seu marido. Ou seja, ela ganha uma nova identidade. O homem transcende os horizontes de seu lar e mantém constante contato com a sociedade. Ele enfrenta problemas e desafios que asseguram seu desenvolvimento mental e garante seu poder. Entretanto, a mulher é mantida em casa vivendo uma vida



vegetativa e trivial (cuidando dos filhos e afazeres domésticos), conseqüentemente é condenada a imanência.

De acordo com Beauvoir atividades reais são prerrogativas do marido. Sendo assim, a mulher apenas tem contato com o mundo através do marido dela; ela se estende além de si mesma em direção ao grupo social (mundo), apenas através dos princípios do marido, a ideologia e percepções dele.

Beauvoir também afirma que a mulher necessita passar por uma mudança interna para posteriormente receber sua liberdade. E uma das maneiras de se alcançar isso é tornar-se economicamente independente e uma participante ativa das transformações sociais. Embora isso não assegure a ela a felicidade esperada pelo menos diminui a hostilidade e frustração que ela enfrenta no dia a dia.

Em suma, Beauvoir ratifica que a mulher tornará-se concretamente igual ao homem à medida que as pessoas reconhecerem o papel feminino como: mulher, esposa, mãe e secretária do lar. Ou seja, esta é a satisfação que ela procurará na vida social.

Virginia Woolf foi uma testemunha vigilante das mudanças de evento do nosso mundo caótico. A teoria feminista é parte das produções versáteis dela, como por exemplo, a obra: Um

teto todo seu. Neste livro, Woolf mistura ficção e fato para analisar o papel da mulher e a relação do dinheiro e gênero no que diz respeito na produção da arte, especialmente, ficção escrita por mulheres, como literatura escrita por mulheres que descreve o que elas pensam delas mesmas e a respeito dos papéis que a sociedade e os homens impõe a elas. O título “As mulheres e a ficção” é o verdadeiro motivo da escrita deste livro. Woolf reflete este título de como poderia significar: - a mulher e como é ela; ou poderia significar a mulher e a ficção que ela escreve; ou poderia significar a mulher e ficção escrita sobre ela; ou talvez quisesse dizer que, de algum modo, todos três estão inevitavelmente associados. Woolf conduziu estas reflexões conectando ficção e gênero à economia num tempo onde as mulheres tinham recentemente ganhado o direito de votar e ter sua própria propriedade.

Woolf escreveu sobre estas reflexões criando um personagem universitário fictício já que por séculos as mulheres não puderam participar destas instituições e pelas mesmas razões foram historicamente impedidas de escrever. Ela refere-se a ela mesma como um personagem fictício representando toda mulher. Pois as mulheres eram impedidas



de entrar nas bibliotecas universitárias por serem do sexo feminino ou se entrassem tinham que ser acompanhadas por um Fellow (membro de uma faculdade com direito a certos privilégios), ou ter uma carta de apresentação.

Woolf comenta que as mulheres não tem muitas opções de emprego. Ela mesma tinha trabalhado como jornalista. As outras opções de emprego eram: para ser professora, babá, empregada doméstica, enfermeira ou dama de companhia. Estas ocupações exigiam muito delas, porém recebiam muito pouco dos empregos. Entretanto, Woolf prevê que quando as mulheres cessarem de ser o sexo protegido, elas farão parte de todas as atividades e empregos que foram negados a elas.

Uma mulher no tempo de Shakespeare não podia ter seu trabalho escrito não por causa do gênero, mas pela falta de oportunidade. Woolf imagina o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã chamada, Judith, tão talentosa quanto ele, e as dificuldades que ela teria que enfrentar. Woolf afirma que a vida de Judith e a arte teriam sido reprimidas pelos homens na vida dela, e ela:

“[...] ter - se - ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter a certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua véia poética

teria sido tão obstruída e contrariada pelos outros, tão torturada e dilacerada por seus próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental.” (Woolf, 1985: p.65)

Em relação a arte da escrita, Woolf considera que todos os escritores devem ir além das formas específicas de gênero para alcançar o tom desejado apreciado na escrita. Mas não apenas na escrita, como também na vida em geral, pois ambos mulheres e homens deveriam tentar obter uma atitude andrógena e parar de pensar nos gêneros como algo distintos um do outro. Ou seja, Woolf considera que o espírito criativo do poeta ou romancista deveria ser andrógino; ela acredita que existem dois sexos em um corpo, dois sexos na mente e que ambos frequentemente vivem em um só corpo. Desta maneira o melhor romance é o resultado de quando homem e mulher permitem ambos sexos contribuírem. O excerto seguinte corrobora essa questão da androgenia:

(...) O estado normal e confortável é aquele em que os dois convivem juntos em harmonia, cooperando espiritualmente. Quando se é homem, ainda assim a parte feminina do cérebro deve ter influência; e a mulher deve também manter relações com o homem em seu interior. Coleridge talvez tenha querido referir-se a isso quando disse que as grandes mentes são andróginas. E quando ocorre essa fusão que a mente é integralmente fertilizada e



usa todas as suas faculdades.(Woolf, p.128-129).

2. Análise da personagem senhora Ramsay:

O romance *Passeio ao Farol* (1927) foi escrito em um novo estilo poético onde há a eliminação da realidade objetiva. Nesta obra Woolf conecta o mistério do futuro de todas as questões a respeito dos novos papéis de gênero. O tema central deste romance-poema é a relação conjugal do casal senhor e senhora Ramsay e as muitas semelhanças ligadas das experiências de vida desse casal com os pais da autora Virginia Woolf.

A obra mostra a morte do herdeiro predestinado Andrew Ramsay (que morreu em tempo de guerra na segunda parte da obra) como um evento comum. Enquanto a morte da esposa e mãe, senhora Ramsay no qual morre na segunda seção da obra é central, e a questão de quem ou o que poderia ocupar o tradicional papel do “anjo da casa” é igualmente importante. Este fato faz uma alusão para a própria vida de Woolf quando a sua mãe, Julia, morre e o pai dela, Senhor Leslie Stephen, no qual era totalmente dependente do apoio para o cuidado dos filhos, da casa e da organização da vida social deles, e ele não sabia quem poderia ocupar o lugar de sua esposa.

Ao contrário de muitas escritoras que retratam loucura e atribuem sentimentos de tristeza, medo, e ansiedade para as personagens femininas, Woolf cria na senhora Ramsay uma esposa devotada e uma mãe que domina a obra. Ela sempre aparece como uma pessoa ativa a quem o marido e toda família depende. Como a esposa retratada por Beauvoir, ela gosta de pensar a respeito do futuro da família dela. Por exemplo, quando o filho de seis anos do casal:

James Ramsay, sentado no chão, enquanto a mãe falava, recortava gravuras do catálogo das Lojas do Exército e da Marinha.(...) sua mãe imaginou-o num tribunal com uma rútila toga de arminho, ou talvez dirigindo uma empresa durante uma crise financeira. (Woolf p.9-10)

A senhora Ramsay é benevolente e generosa. Ela não apenas se preocupa com a família dela, mas também com pessoas pobres e doentes. Ela tricota uma meia para o filho tuberculoso de um faroleiro no qual eles planejam visitar. Ela sente pena deles:

— Mas talvez fique bom, pelo menos espero — disse a Sra. Ramsay impacientemente, ao dar um ponto na meia castanha que tricotava. Se a terminasse nessa mesma noite, e afinal fossem mesmo ao farol, seria dada ao filho do faroleiro, que estava ameaçado de tuberculose (...) pobre gente que devia morrer de tédio, sentada o dia inteiro, sem nada para fazer, a não ser limpar a lâmpada, acender o lume e revolver um pequeno jardim. Faria qualquer coisa para alegrá-los, pois como



poderia alguém gostar de ficar trancado um mês inteiro, num rochedo perdido no meio do mar(...) Não receber cartas ou jornais, não ver ninguém; sendo casado, não ver a mulher, não saber como estão os filhos: se adoeceram, se caíram e quebraram a perna ou o braço. (Woolf p.10-11)

Woolf sutilmente lembra-nos, através da personagem senhora Ramsay, a ideologia da classe média do século dezenove na Inglaterra e na América no qual requer uma mulher que seja uma Perfeita Lady, contente, amável para o homem, e forte em sua religiosidade e pureza interior, isto é, rainha do seu próprio lar.

Woolf explica em sua obra: Um Teto todo seu, que por um longo tempo, as mulheres, não tinham o direito de estudar em uma universidade, ou não podiam ser escritoras, ou eram consideradas segundo sexo nas sociedades patriarcais. Que desde a infância elas eram ensinadas para as virtudes da docilidade, dependência, obediência e para as habilidades domésticas. A senhora Ramsay era uma dessas mulheres. Ela não teve a oportunidade de adquirir conhecimento científico. Esta discrepância entre a educação de homens e mulheres é perceptível quando o Senhor Ramsay começa conversar a respeito de raiz quadrada e a Senhora Ramsay pergunta a ela mesma:

Que significa tudo aquilo? Até agora, nunca tivera a menor noção. Uma raiz quadrada? Que seria? Seus filhos sabiam. Ela se apoiou neles, e

em raízes cúbicas e quadradas. Era disso que falavam agora. De Voltaire e Madame de Stael; do caráter de Napoleão; do sistema francês de divisão de propriedade; (...). Deixou-se amparar pela magnífica estrutura construída pela inteligência humana (...). Então acordou. A inteligência masculina ainda se manifestava. (Woolfp. 105-106)

Apesar dos preconceitos contra as mulheres Woolf sempre mostrou a personagem senhora Ramsay sobrepujando todos os obstáculos através de sua sabedoria e experiência de vida que a guiam em muitas situações. A sabedoria dela é mostrada de forma sublime como podemos verificar no excerto abaixo:

Seria a sensatez? Seria o conhecimento? Ou seria, mais uma vez, a força enganadora da beleza, de tal modo que as percepções de uma pessoa eram, a meio caminho da verdade, enredadas numa trama de ouro? Ou guardaria ela algum segredo que, com toda a certeza, as pessoas precisam ter para que o mundo siga o seu curso? (...) Imaginou que, nos compartimentos do cérebro e do coração da mulher que tocava fisicamente, depositavam-se, como os tesouros nos túmulos dos reis, pequenas tábuas com inscrições sagradas que, decifradas, ensinariam tudo, mas nunca se ofereciam livremente nem se faziam públicas. Que arte ali se continha, conhecida do amor ou da astúcia, por meio da qual se forçava a entrada nessas câmaras secretas? (...) (Woolf p.54)

A senhora Ramsay é condenada a imanência, mas ela é sábia o suficiente para perceber isso e tentar de uma maneira sutil sobrepujar todos os obstáculos domésticos e fazer com que suas filhas percebam e aprendam como as mulheres devem se comportar em certas situações. Ou seja, a senhora Ramsay não deseja o mesmo destino para suas filhas, e



consequentemente ela quer que suas filhas aprendam a maneira correta de mudar este sistema social e as rigorosas convenções.

Enfim, Woolf retrata a senhora Ramsay mostrando a força de uma mulher no papel de esposa e mãe como deve ser o destino de uma mulher desejada pela sociedade patriarcal. Mas ao mesmo tempo, as limitações desta vida são claramente mostradas. E é através da artista, Lily Briscoe, que a autora é capaz de mostrar as possibilidades abertas para a nova mulher do século vinte.

3. Análise da personagem Lily Briscoe:

Como temos visto, Beauvoir explica que as mulheres necessitam de uma mudança interna como meio de acelerar a mudança externa e subsequentemente alcançar a liberdade dela. Uma das maneiras de se alcançar isso é tornar-se uma indivíduo economicamente independente, uma participante ativa das transformações sociais. Embora, ela não consiga a felicidade esperada, a independência dela diminui a hostilidade da sociedade. E isto é o que acontece com Lily Briscoe, a pintora solteira, amiga da senhora Ramsay.

A senhora Ramsay acha que Lily Briscoe:

“[...] Com seus pequenos olhos chineses e seu rosto enrugado, ela nunca se casaria; mas era uma criatura independente. A senhora Ramsay gostava dela por isso [...] (Woolf p.22)

A senhora Ramsay tenta planejar um casamento para Lily, porém não tem sucesso. Lily, por sua vez, embora solteira, tenta entender o significado do casamento e o papel da senhora Ramsay como esposa e mãe.

Um artista necessita liberdade para expressar e

transmitir qualquer coisa que imagina. Ou seja, deve ter liberdade para produzir qualquer tipo de arte que deseja. As mulheres (como poetisa, pintora, escritora, profissões relacionadas à arte) necessitam deixar sua mente livre para viver em uma sociedade hostil. Elas enfrentam muitos problemas, não apenas com a falta de materiais como acontece com os homens, mais também indiferença e hostilidade. Os homens subestimavam a capacidade das mulheres. Além disso, muitas profissões eram consideradas impróprias para as mulheres, e então elas tinham poucas opções. Os homens não esperavam nada intelectualmente das mulheres. Em *Passeio ao Farol*, o senhor Tansley deprecia a capacidade intelectual das mulheres. Ele sussurra no ouvido de Lily: “As mulheres não sabem pintar, as mulheres não sabem escrever...” (Woolf p.52). Portanto, Lily algumas vezes sentiu-se:

“[...] numa luta terrivelmente desigual para manter a coragem e dizer: “Mas isso é o que eu vejo”, e desse modo reunir em seu peito os restos miseráveis de sua visão, que milhares de forças buscavam arrancar-lhe. (Woolfp.24)

Lily sobrepuja estes obstáculos e torna-se uma pintora. Ela sente-se confiante e quando escuta comentários como do senhor Tansley ela pensa:

“[...] Que importava isso, se vinha dele, já que obviamente essa opinião não era verdadeira, mas sim útil para ele, por algum motivo, e era por isso que a expressava? (Woolf p.87)

Lily começa entender que quando um homem enfatiza de alguma forma a inferioridade das mulheres, ele não está preocupado a respeito da inferioridade delas, mas sim a respeito da sua própria



superioridade.

No decorrer do romance poema Woolf mostra a superioridade de Lily em relação à Charles Tansley. Lily consegue expressar suas ideias, opiniões e sentimentos pintando ou falando. Ela sabe como se comportar em qualquer situação. Entretanto, Charles Tansley é o oposto de Lily. Ele não consegue se afirmar, ou expressar suas opiniões e ideias. Então Lily pensa em ajudá-lo:

[...] Mas, pensou, franzindo os olhos de chinesa, e lembrando-se de como ele escarnecia das mulheres – “as mulheres não sabem pintar, não sabem escrever” -, por que o ajudaria a se desabafar?

Há um código de conduta que ela conhecia, e cujo sétimo artigo (talvez) diz que em tais ocasiões convém à mulher, não importa qual seja sua profissão, ajudar o jovem sentado diante dela, para que ele possa expor e aliviar os fêmuers e as costelas de sua vaidade, do seu premente desejo de se auto-afirmar; tal como, sem dúvida, é dever deles, refletiu, com sua sinceridade de solteirona, de nos ajudar [...] (Woolf p.92)

Woolf demonstra aqui as diferenças entre homem e mulher para tentar eliminar o preconceito contra as mulheres. Ela não deseja que as mulheres se comportem como os homens como ela explica em *Um teto todo seu* . Ela deseja que ambos os sexos tenham o direito de ter dinheiro, um teto e privacidade para que no momento da produção da arte possa ocorrer a androgenia, pois:

[...] É quando ocorre essa fusão que a mente é integralmente fertilizada e usa todas as suas faculdades. [...] a mente andrógina é ressoante e porosa; que transmite emoções sem empecilhos; que é naturalmente criativa, incandescente e indivisiva (Woolf p.129).

Enfim, no decorrer dessa análise nós temos visto muitos problemas e difíceis obstáculos que Lily enfrenta para afirmar-se na sociedade, ou seja, para provar que ela é uma artista. Porém apesar destes problemas, ela supera tudo e conclui sua pintura da família Ramsay no momento que ela consegue obter uma atitude andrógina como o seguinte excerto revela:

Rapidamente, como se outra vez algo a requisitasse ali, voltou-se para a sua tela. Lá estava seu quadro. Sim, com todos os verdes e azuis, as linhas subindo e se cruzando, a tentativa de alcançar alguma coisa. Seria dependurado no sótão, pensava; seria destruído. Mas que importa?, perguntou-se, tornando a pegar o pincel. Olhou os degraus: estavam vazios; olhou a tela: estava indefinida. Então com uma repentina intensidade, como se pudesse vê-la nitidamente por um segundo, traçou uma linha ali, no centro. Estava pronto; estava acabado. Sim – pensou, pousando o pincel, com extremo cansaço -, eu tive a minha visão (Woolf p.209)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise da obra *Passeio ao Farol*, baseada nas teorias de Simone de Beauvoir e da própria Virginia Woolf, levá-nos a conclusão que a intenção de Woolf nesta obra supramencionada era acabar com os tabus de um sistema hierárquico e preconceituoso. A narrativa de Woolf



ênfatisa as condições sociais das mulheres e a tentativa delas superar as rígidas convenções de uma sociedade patriarcal. Por esta razão, ela criou na protagonista senhora Ramsay a mãe e esposa devotada que domina a obra e toda sua família. O marido dela dependendo totalmente da sua cooperação para apoio emocional e consolação. Woolf também cria Lily Briscoe, uma mulher artista, independente e arrimo de família ajudando seu pai nas despesas de casa e que através de seus “olhos de chinesa” de sua perspicácia, ela tenta compreender a relação conjugal do casal Ramsay, isto é, o significado do casamento.

Através deste romance podemos observar que Woolf era da opinião que a associação entre o sexo feminino e a vida privada e o sexo masculino e o domínio público devem ser extinguida. Em suma, nesta obra Woolf sutilmente transmite o fato da necessidade da liberdade das mulheres não ser apenas em votar e igualdade abstrata diante da lei, mais também liberdades específicas assim como o direito de matar “O Anjo” dentro de casa, o direito de conhecer seu próprio corpo, o direito à educação, de ter sua propriedade, praticar qualquer profissão, e crucialmente, ter seu salário. E a finalização da pintura de Lily no fim do livro é uma atitude simbólica da

liberdade das mulheres. Ela demonstra que embora ela seja pertencente ao “segundo sexo”, a realização dela como artista é igual a de qualquer homem. Desta maneira, ela corrobora a capacidade da mulher para destruir as barreiras da isolamento doméstica que foram erguidas pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MORAES, Izabel Vasconcelos. **THE OLD AND THE NEW – PORTRAITS OF TWO WOMEN IN TO THE LIGHTHOUSE**, 2005. 53f. Monografia. (Graduação em Letras/Inglês) – DLA. UEPB, Campina Grande/ PB, 2005.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2ª ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WOOLF, Virginia. **Passeio ao Farol**. Tradução de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.